

**FACULDADE DE ILHÉUS
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE ILHÉUS – CESUPI**

Augusto César Pereira Brito

**Afeto e acolhimento na relação terapêutica: As possíveis contribuições da
abordagem centrada na pessoa**

**ILHÉUS – BAHIA
2024**

Augusto César Pereira Brito

Afeto e acolhimento na relação terapêutica: As possíveis contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa.

Trabalho apresentado à disciplina TCC II como requisito parcial para obtenção de nota do I crédito. Centro de Ensino Superior de Ilhéus

Orientador: Prof. Esp. Marcos Aurélio Lordão.

Augusto César Pereira Brito

Afeto e acolhimento na relação terapêutica: As possíveis contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa.

Trabalho apresentado à disciplina TCC II como requisito parcial para obtenção de nota do I crédito. Centro de Ensino Superior de Ilhéus

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Marcos Aurélio Lordão, Orientador

Prof. Dr. Murillo César da Silva, Avaliador I

Profa. Me. Alba Mendonça, Avaliador II

RESUMO

Este trabalho explora a relação entre afeto e acolhimento na Abordagem Centrada na Pessoa, abordagem desenvolvida por Carl Rogers (1992), que apresenta uma visão holística e positiva do ser humano, entendendo-o como alguém com potencialidades diversas, capaz de atingir o seu potencial. O objetivo foi analisar o binômio afeto e acolhimento a partir da relação terapêutica e refletir sobre as contribuições advindas dessa prática para a melhoria da ação terapêutica. Para este fim, utilizou-se a metodologia qualitativa, de caráter bibliográfico, a partir da qual foram consultados artigos publicados entre os anos de 1991 e 2023. plataformas digitais Scielo e Pepsic entre os anos 1991 até 2023. Adotou-se uma abordagem de viés dedutivo para verificar as contribuições oriundas desta prática nas relações terapêuticas. A pesquisa responde afirmativamente sobre as contribuições do afeto e do acolhimento na relação terapêutica. Conclui-se que o afeto e o acolhimento promovem a alteridade e a subjetividade em conjunto com as atitudes facilitadoras dentro ACP.

Palavras-chave: Acolhimento; Afeto; Relação terapêutica.

Abstract

This work explores the relationship between affection and acceptance in Person-Centered Approach (PCA), a framework developed by Carl Rogers (1992). PCA presents a holistic and positive view of the human being, understanding them as someone with diverse potentialities, capable of reaching their full potential. The objective was to analyze the interplay of affection and acceptance within the therapeutic relationship and reflect on the contributions arising from this practice to enhance therapeutic action. For this purpose, a qualitative bibliographic methodology was employed, consulting articles published between 1991 and 2023 on digital platforms such as Scielo and Pepsic. A deductive approach was adopted to examine the contributions derived from this practice in therapeutic relationships. The research affirmatively addresses the impact of affection and acceptance in the therapeutic relationship. It is concluded that affection and acceptance promote alterity and subjectivity in conjunction with facilitating attitudes within PCA.

Keywords: Acceptance; Affection; Therapeutic relationship.

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
1. INTRODUÇÃO	6
2. BASES TEÓRICAS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP).....	8
3. AFETO E ACOLHIMENTO NA PSICOLOGIA HUMANISTA	9
4. CONTRIBUIÇÕES DA ACP NO AFETO E ACOLHIMENTO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA.....	11
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO	13
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS.....	17

1. INTRODUÇÃO

A Abordagem Centrada na Pessoa, doravante, ACP, tem na figura de Carl Rogers (1992), seu fundador, o princípio de que cada pessoa deve ser entendida como única na sua subjetividade e, dessa forma, uma relação terapêutica mais ajustada às demandas específicas e não generalizantes, conduzindo a relação terapêutica a reflexões e práticas mais condizentes com as realidades imbricadas naquele contexto. Inerente aos processos inter-relacionais das atividades humanas, a afetividade e o acolhimento são fatores preponderantes no campo terapêutico para auxiliar no estabelecimento do vínculo terapêutico e as trocas inerentes a este processo.

Como um dos pontos essenciais em qualquer ação de cunho terapêutico, a relação terapêutica é um componente crucial para o sucesso do tratamento em psicologia. No entanto, a importância do afeto e do acolhimento na relação terapêutica, particularmente na Abordagem Centrada na Pessoa, não é totalmente compreendida ou explorada. Diante disso, quais as possíveis contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa na relação terapêutica?

A hipótese deste trabalho é que afeto e acolhimento na relação terapêutica podem contribuir significativamente para o sucesso do tratamento com base na Abordagem Centrada na Pessoa dentro da clínica. Especificamente, acredita-se que esses elementos podem facilitar sobremaneira a expressão pessoal, respeitando e valorizando a experiência subjetiva do indivíduo, a fim de promover a autorrealização, sua congruência, seu potencial de crescimento, e fortalecer a aliança terapêutica.

O objetivo geral é identificar as possíveis contribuições do binômio afeto e acolhimento a partir da perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa dentro da relação terapêutica e refletir sobre as contribuições advindas dessa prática para a melhoria da ação terapêutica. O primeiro objetivo específico é compreender as bases teóricas da Abordagem Centrada na Pessoa; o segundo é analisar afeto e acolhimento pelo viés da Psicologia humanista existencial; o terceiro é apresentar as possíveis contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa no que se refere ao afeto e ao acolhimento na relação terapêutica.

Este trabalho nasce da busca pela compreensão dos pontos relevantes que permeiam a relação terapêutica oferecida pela Abordagem Centrada na Pessoa. Sabendo que a empatia é uma das peças chave de uma relação terapêutica, deve-se considerar tanto o afeto quanto o acolhimento como cruciais no bom desenvolvimento e estabelecimento da relação. O arcabouço oferecido pela ACP oferece sustentáculo para o auxílio àquele que apresenta algum tipo de sofrimento e carece de acolhimento, tanto quanto oportuniza ações no sentido de ampliar e estabelecer suporte a quem busca, inclusive para um terapeuta que deseja ampliar seus recursos na sua prática clínica.

Para este fim, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, como meio de analisar de maneira qualitativa a ótica rogeriana sobre os atributos pertencentes à ACP na compreensão do ser humano, em consultas a livros e artigos nas plataformas digitais, Scielo e Pepsic, usando uma abordagem de viés hipotético – dedutivo para verificar as contribuições oriundas desta prática nas relações terapêuticas.

Os descritores utilizados foram "afeto e acolhimento"; "Carl Rogers"; "Relação terapêutica humanista" e, a partir deles, a pesquisa resultou em 24 artigos científicos publicados a partir de 1991 até 2023. Foram excluídos artigos que não estivessem escritos em língua materna ou que citassem superficialmente o objeto de estudo. Dada a escassez de produção do tema em voga, percebemos haver espaço para maiores discussões e ampliação do tema.

Conquanto não se possa atribuir unicamente à afetividade e ao acolhimento o papel de protagonistas no bom desenvolvimento do processo relacional terapêutico, eles precisam ser entendidos e percebidos como preciosos recursos na realização dos objetivos que possam vir a ser estabelecidos. Este trabalho almejou trazer à tona o papel e a importância da afetividade e acolhimento trazidos pela ACP e suas contribuições no campo terapêutico. Para a elaboração desta etapa, os principais autores pesquisados que embasaram cientificamente este trabalho foram Carl Rogers (1992), Maria Constança Bowen (1987), Messias (2006), Buber (2006), Carvalho (2020).

2. BASES TEÓRICAS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP)

Nascida da linha humanista, esta abordagem apresenta uma psicoterapia não diretiva, na qual o cliente é entendido como protagonista do seu próprio processo de construção e aprimoramento. Desenvolvida por Carl Rogers no século XX, na década de 1940 a Abordagem Centrada na Pessoa, doravante ACP, se distancia dos modelos de psicoterapia conhecidos por trazer um ser humano que, em seu íntimo, carrega elementos suficientes para agir no sentido de proporcionar a si mesmo as condições de realização e alcance dos objetivos que escolhe vivenciar (Moreira, 2010).

O pensamento rogeriano apresenta o cliente como o centro do processo e para onde levam todas as atenções e esforços, sendo assim, ele próprio é quem tem a condição de direcionar seu processo terapêutico, de ter autonomia (Rogers, 1992). Rogers também direciona o olhar para o terapeuta no sentido de salientar as condições que o psicoterapeuta deve apresentar para que o cliente possa seguir seu processo de mudanças sobre sua personalidade, e descoberta ou entendimento sobre seu sofrimento psicológico.

O autor apresenta ferramentas de que o psicoterapeuta deve se servir. A primeira pode ser descrita como empatia, que reside no fato de que o profissional deve empreender uma ação no sentido de perceber o mundo a partir dos padrões oriundos do cliente, sob a perspectiva dele e não do psicoterapeuta. A seguinte é a aceitação positiva incondicional que é compreendida como o respeito que o psicoterapeuta precisa ter em relação à alteridade com a qual ele lida e para onde a ética e o respeito se dirigem. E a congruência, sendo esta última a relação de “equilíbrio” entre o que o profissional traz em sua essência de vida e valores e a maneira como ele lida com a relação terapêutica que é construída com o cliente (Bowen, 1987)

A não-diretividade da ACP, o centramento no cliente, assim como a empatia, preconizam o empoderamento e motivação oriundas do cliente como essenciais ao êxito dos propósitos estabelecidos por ele, já que atuamos no mundo conforme nos percebemos. Isso impulsiona o desenvolvimento do “*self*” na medida em que a pessoa identifica e se aproxima de um certo ponto de equilíbrio com o que deseja e com o que apresenta ao mundo juntamente com as exigências deste (Bowen, 1987).

As ações oriundas das próprias percepções que o cliente atinge na psicoterapia servem de referência incontestável sobre o quanto a ACP se distancia de um modelo de ser, visto pelo Behaviorismo ou pela Psicanálise como que

“determinado” pelas forças do ambiente, ou pelo inconsciente freudiano. Assim, tais ações tendem a ter um reflexo de empoderamento por parte do cliente em ser, ele mesmo, o responsável pelas suas escolhas tendo consciência de que reúne as condições necessárias para a autorrealização, respeitando sua subjetividade.

3. AFETO E ACOLHIMENTO NA PSICOLOGIA HUMANISTA

Em sua trajetória de vida, o indivíduo atravessa diversas fases. Desde há muito que se depara com processos vivenciais que o confrange à reflexão, mudanças, perante o que denominamos dor, sofrimento, angústia e tantos outros sentimentos. Dentro destas vivências destacamos afeto e acolhimento como pontos demasiadamente frutíferos na esfera humanista e que devem ser considerados.

O afeto, ou afetividade, apresenta um componente interpretativo comum e simples de ser assimilado - a sensação de bem-estar que é experienciada pelos envolvidos na relação, representando, assim, um elemento crucial no âmbito terapêutico. Das ações de cunho reflexivo e acolhedor pertinentes ao processo psicoterápico, advém o crescimento da autocompreensão por parte do cliente, e um dos lugares para onde convergem muitas dessas reflexões é o espaço que a psicoterapia oferece, lugar onde o acolhimento e a ética se entrelaçam com a alteridade, momento em que se dissemina com maior propriedade a escuta humanística que oferece acolhimento ampliado para a integralização de vivências nem sempre bem compreendidas, em momentos diversos de movimentos (Rogers, 1992).

Numa sociedade que se constrói sempre a partir dos seus hábitos, costumes e reflexões constantes, facilmente podemos verificar que, no campo vivencial, afeto e acolhimento são indissociáveis assim como afeto implica em amor e cuidado dentro desse processo (Andersen, 2009). Salienta-se o caráter indubitável de que o processo vivencial reflete uma parte relevante dos fatores preponderantes do existir. Consideramos essa gama de fatores inter e intrapessoais de experiências e modelos como uma das partes influenciadoras na formação do self, parte atuante em cada um de nós, implicando profundamente na forma como nos movemos nesse mar da subjetividade do eu e deste eu com os outros “eus” à volta (Andersen, 2009).

Contudo, os diversos matizes envolvidos no estabelecimento do afeto e acolhimento, sejam eles familiares, pessoais, sociais, profissionais, têm como um dos principais pontos o fato de que a estrutura emocional humana é altamente respondente à gama de situações vivenciadas e estabelecidas no cotidiano. O arcabouço humanista, então, se direciona para uma psicoterapia que auxilie no desenvolvimento de uma relação terapêutica que proporcione um ambiente seguro onde a escuta qualificada aconteça e, de fato, haja a atenção centrada na pessoa. Rogers (1992) esclarece que as atitudes facilitadoras, congruência, empatia e consideração positiva incondicional sustentam a aliança terapêutica. Indubitavelmente, para se falar sobre momentos de angústia ou dor diante de alguém, há que se sentir bem amparado e acolhido para que a terapia possa se apresentar como caminho viável.

Imbricado no processo, o afeto se constitui como uma parte inerente ao acolhimento por ser entendido como elemento facilitador das trocas experienciais, consideremos então que a afetividade possa ser utilizada como captadora e mola propulsora no salutar caminho da autonomia. Valorizar as formas de existir em suas ímpares expressões, que buscam por escuta e respeito, empatia, atenção e suporte são características presentes no ser humano, para o qual a psicoterapia, e em especial, a psicologia humanista enfatizam o afeto e acolhimento de maneira singular (Carneiro e Abritta, 2008).

Sendo cruciais na abordagem humanista, afeto e acolhimento impulsionam na criação de um ambiente de aceitação e compreensão, onde os indivíduos são valorizados e respeitados sem margem a rótulos ou generalizações. Rogers (1992) destaca que, quando as pessoas parecem ser algo além de boas e decentes, é apenas porque estão reagindo ao estresse, à dor, ou à privação de necessidades humanas básicas, como segurança, amor e autoestima.

Esses aspectos ganham ainda mais atenção no contexto atual, onde se percebe uma legítima busca por acolhimento e respeito oriundos das mais diversas nuances do existir humano.

Acolhimento, mais do que uma palavra, ou um termo, é um conceito e uma postura, ela é atitudinal. É prática que existe, principalmente, no âmbito relacional, no qual a relação psicólogo-cliente recebe singular atenção, destacando a escuta e a subjetividade (Pelisoli et al, 2014). Especialmente nas primeiras sessões e nas

consultas em que o cliente traz questões intensas, profundas, com vulnerabilidade emocional. O acolhimento trata de conexão, de estabelecer um vínculo seguro e receptivo, ele não pode ser mecânico, e isso auxilia no ganho de segurança da qual o cliente precisa para explorar seus aspectos mais profundos oferecidos por um ambiente terapêutico mais receptivo e transformador (Rogers, 1992).

4. CONTRIBUIÇÕES DA ACP NO AFETO E ACOLHIMENTO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

De acordo com Rogers (1992), o papel do psicoterapeuta deve ser deslocado para permitir que o sujeito guie o tratamento, pois é quem melhor pode falar sobre si. Ao entender que residem no próprio ser as condições de mudança para um estado mais ajustado de vida, segundo suas próprias determinações, a ACP apresenta uma nova e mais abrangente maneira de estabelecimento de relação terapêutica, visto que é justamente na compreensão de que alteridade e subjetividade permeiam e identificam cada ser. É na perspectiva ontológica que podemos compreender as diversas facetas que o indivíduo apresenta frente às demandas de que se reveste e com as quais lida.

Nesse sentido, Rogers e Rosenberg (1977, p 99 - 101) nos esclarecem com o caso Ellen West:

“A mera leitura do caso é suficiente para me assegurar que não acharia difícil ter um sentimento de aceitação para com esta moça deprimida, infeliz, emaciada e auto-esfomeada. Eu poderia perceber tanto o que ela é quanto suas potencialidades, e aceitaria que ela fosse simultaneamente esses dois aspectos ou qualquer um deles. (...) para mim mesmo encontro certas lições neste caso de Ellen West. A primeira é: a de que, toda vez que fazemos da pessoa um objeto - quer ao diagnosticá-la, quer ao analisá-la ou percebê-la de forma impessoal num estudo de caso -, colocamo-nos como empecilho à nossa meta terapêutica. Fazer de uma pessoa um objeto tem sido útil no tratamento de males físicos. Não levou a bons resultados no tratamento de males psicológicos. Somos de profunda ajuda somente quando nos relacionamos como pessoas, quando nos arriscamos como pessoas no relacionamento, quando vivenciamos o outro como uma pessoa em seu próprio direito. Somente assim existe um encontro de uma profundidade tal que dissolve, tanto no cliente quanto no terapeuta, o sofrimento da solidão”.

Ao lançar mão do afeto e do acolhimento que a empatia faz emergir, o psicólogo trabalha com consideração positiva, sem rótulos ou julgamentos, e caminha no sentido da promoção de suporte que ajuda ao cliente compreender o que busca, e oferece apoio na decisão dos seus objetivos e formas de realizá-los, sem, contudo, servir de voz da razão e interferir nas escolhas que, por razões óbvias, não pertence à postura do terapeuta da ACP. O caso F., apresentado por Erthal (1955, p. 173 – 175), corrobora esse suporte:

No caso, aos poucos a cliente foi percebendo que sua imagem não mudar a para a terapeuta, e que muitos de seus comportamentos ocorriam por medo. Três dias foram suficientes para que a cliente saísse da crise. Essa situação crítica fez eclodir seus conflitos, de forma que não lhe restaria saída a não ser enfrentando – os. Olhar para si mesma era difícil, mas extremamente necessário. Algumas fantasias foram derrubadas: sua irmã possuía problemas semelhantes aos seus, e também necessitava de seu amor; seus padrões eram seus amigos e demonstraram enorme preocupação com ela; amigos estiveram ao seu lado. Ela não estava só e percebia que havia pessoas que amavam de forma incondicional. Essa realidade levou – a a reformular sua crença: a vida não era uma catástrofe! Rompeu com o namorado por querer assumir sua verdade; pois, como vimos, já não o amava. Rompeu a embrionária relação profissional com a professora por se conscientizar de que este não era o caminho. Passou, enfim, a discutir mais sobre os seus medos quanto ao fato de ser dominada pela fantasia homossexual. (...) Aceitação, respeito (incondicionais), empatia e o cumprimento do terapeuta como pessoa em relação, são a única “arma” terapêutica. Intuitivamente se é assim que se permite ao cliente *ser* Diante de tantas pressões e cobranças de papéis no mundo que a circunda, a pessoa precisa se experimentar, sem com isso ter que se guiar pelo outro. Se alguém aceita arriscando, ela vai, cada vez mais, colocando sua existência em risco; o risco saudável do crescimento. O “se”, caracterizado por uma existência inautêntica, vai dando lugar ao “eu” através do deslocamento do centro de referência e de uma maior conscientização de si próprio. Atualmente a cliente continua em tratamento psicoterápico, não por chegar é uma imagem acabada e perfeita de si mesma, mas justamente por entender que a verdade de sua vida é a permanente transformação. Houve um verdadeiro encontro, e duas pessoas cresceram significativamente com ele. Outros haverão e, portanto, o movimento transformador persistirá *até a morte*.

Romanini et al (2017) destaca que o acolhimento acontece no encontro, inscrito em fluxo de afetos e de saberes singulares. O binômio, cliente-terapeuta,

então, por formar uma espécie de acordo tácito que promove, para ambos, experiências únicas de acesso a formas de comunicação e compreensão do que é humano, fortalece, desta maneira, o alcance da congruência que, por sua vez, possibilita novas perspectivas para que o self seja compreendido e, então, o cliente possa melhorar ao desenvolver-se de acordo com sua própria forma de se perceber e aprender a utilizar todo o seu potencial (Rogers, 1992).

No panorama atual, a ACP reveste-se de eminente relevância por estar inserida em questões de ordem social, econômica, autoimagem, relacionamentos no campo familiar ou profissional, alguns dos pontos que estão no cerne das falas e ações de compreensão e suporte e que são acolhidas de maneira singular em cada cliente. Por não se ater a padrões de caráter generalizante ou de enquadrar em categorias, a ACP dinamiza o acesso do cliente ao encontro e compreensão do seu próprio self. Pelo simples e salutar fato de reconhecer o cliente como humano, juntamente com suas idiossincrasias, o terapeuta eleva a qualidade relacional com sua empatia e consideração positiva junto ao cliente, oportunizando o seu diálogo autêntico (Buber, 2006).

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir dos pressupostos supracitados, o primeiro artigo analisado é o de Moreira (2010), “**Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa**”. Nele, o autor retoma os pontos centrais da Abordagem Centrada na Pessoa, e esclarece sobre a evolução do pensamento rogeriano considerando as fases Não-Diretiva, Reflexiva e Experiencial, focadas na psicoterapia e, Inter-Humana e Pós-Rogeriana ou Neorogeriana, referentes à ACP como um todo. Moreira (2010) demonstra que as fases se complementam e, a despeito das diferenças encontradas, verifica-se o respeito de Rogers pelo ser humano e suas potencialidades.

A clínica rogeriana prioriza o acolhimento da alteridade e não ignora a pluralidade humana, (Moreira, 2010). Isso ratifica a ACP como uma abordagem ampla e singular que oportuniza variados caminhos epistemológicos que caminham com as mudanças e desafios faceados pelo indivíduo nos processos vivenciais. Quando nos relacionamos com uma outra pessoa (o “tu”), nossa maneira de ser é diferente do que quando nos relacionamos com objetos (o “isso”). A forma como nos relacionamos estabelece a base para nossa maneira de ser (Luczinski e Ancona-Lopez, 2010). No

panorama atual, a ACP reveste-se de eminente relevância por estar inserida em questões de ordem social, econômica, autoimagem, relacionamentos no campo familiar ou profissional, são alguns dos pontos que estão no cerne das falas e ações de compreensão e suporte e que são acolhidas de maneira singular pela ACP.

O segundo artigo analisado é o de Stenzel (2021), “**Habilidades terapêuticas interpessoais: A retomada de Carl Rogers na prática da psicologia baseada em evidências**”. Nele, destaca-se a importância das habilidades terapêuticas interpessoais dentro da prática clínica, preconizando participação ativa do cliente e compreensão clara da relação construída no processo.

Stenzel (2021) salienta a riqueza e possibilidades de integração das bases rogerianas com a Prática Baseada em Evidências (PPBE), reconhece que muitos elementos fundamentais para o desenvolvimento de habilidades terapêuticas interpessoais estão presentes no trabalho de Rogers, porém não menciona outras possibilidades de relação epistemológicas além da rogeriana.

A autora apresenta outra importante contribuição ao evidenciar uma relação dialógica que promove a intersubjetividade, em conjunto com o respeito mútuo, na relação terapêutica rogeriana. Nesse sentido, é Buber (2006) quem destaca que a relação produz diferentes possibilidades de a pessoa estar no mundo.

O terceiro artigo analisado é o de Faria (2019), “**Constituição do vínculo terapêutico em psicoterapia online: perspectivas gestálticas**”. O estudo destaca a formação do vínculo terapêutico na psicoterapia gestáltica breve online. O propósito era detalhar e caracterizar esse vínculo terapêutico no contexto da psicoterapia gestáltica breve realizada online. A base teórico-metodológica foi construída sobre a fenomenologia e a Gestalt-Terapia, com um foco particular na compreensão dos processos de subjetivação por meio dos discursos.

A psicoterapia breve foi conduzida com três mulheres, duas delas participaram de 25 sessões e a outra de 16, todas realizadas por videoconferência e chat de texto. Os resultados revelaram que atitudes de amorosidade, genuíno cuidado, compreensão, interesse, além da linguagem empregada com o cliente, são ferramentas valiosas que o terapeuta pode usar para estabelecer o vínculo.

Os resultados também mostraram que duas das três clientes conseguiram se adaptar a essa nova modalidade de terapia. Elas não notaram grandes diferenças em comparação com a terapia presencial e relataram que seus objetivos iniciais para a

psicoterapia foram totalmente ou parcialmente atingidos. Além disso, as intercorrências tecnológicas não prejudicaram a formação do vínculo terapêutico.

O quarto artigo analisado é o de Romanini et al (2017), “**O conceito de acolhimento em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários e profissionais da rede**”. O artigo destaca o conceito e a prática do acolhimento nos serviços de saúde mental, esclarecendo que tal prática pode auxiliar na superação de situações de fracasso. Reforça que o acolhimento é uma maneira de auxiliar nos processos de trabalho com os indivíduos em situação de fragilidade, é um meio eficaz de reorganizar tais processos e reforçar o cuidado. Acolhimento é um encontro dialógico delineado por tensões e transformações Romanini et al (2017).

Assim como os artigos anteriores, os autores demonstram que o acolhimento está, em essência, situado na dimensão ético – humana, já que se reafirma na relação com o outro, com a alteridade. O homem é o agir no mundo, uma ação, uma escolha que se permite entrar em relação com a alteridade e seus impactos, segundo Buber (2006). Dito isso, vimos que onde quer que haja uma interação de cunho terapêutico, os pressupostos rogerianos atuam para acolher de maneira afetuosa e promover a relação terapêutica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos quatro artigos apontou para a importância crucial que o afeto e o acolhimento desempenham na relação terapêutica dentro da ACP. Conforme observado nos dados coletados, a presença do afeto e do acolhimento favorecem uma relação terapêutica empática e acolhedora que contribui significativamente para o sucesso do tratamento. Isso está em consonância com a hipótese inicial de que tais elementos são facilitadores da expressão pessoal e da autorrealização do indivíduo.

Através de um estudo descritivo de caráter bibliográfico, foi possível analisar e refletir sobre as contribuições significativas que a ACP oferece para a prática clínica. Sobre elas, o estudo apresentou a empatia do terapeuta como ponte para o autoconhecimento, atuando como um caminho para o cliente explorar seus próprios sentimentos e experiências; A aceitação incondicional como fator de segurança proporcionada pelo terapeuta, gerando um ambiente de segurança psicológica para o cliente, permitindo-lhe explorar aspectos de si mesmo que podem ser difíceis ou

dolorosos; A autenticidade e congruência como facilitadoras da confiança, provenientes da postura do terapeuta que estabelece uma base sólida para a construção da confiança na relação terapêutica.

Os objetivos propostos encontraram subsídios teóricos positivos, permitindo uma compreensão mais aprofundada das bases teóricas da ACP e uma análise criteriosa do papel do afeto e do acolhimento na psicologia humanista existencial.

Em conclusão, a pesquisa destacou que a ACP não apenas facilita a expressão pessoal e promove a autorrealização, mas também fortalece a aliança terapêutica, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para os clientes. Isso ressalta a relevância da abordagem em um contexto terapêutico amplo, onde a alteridade e a experiência subjetiva são cada vez mais valorizadas.

REFERÊNCIAS

1. ANDERSON, Roberto. **Afetividade na Educação: Psicopedagogia**. São Paulo: All Print, 2009.
2. BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10 ed. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006.
3. BOWEN, Maria Constança Villas-Bôas, Rogers, Carl R., Santos, Antônio Monteiro dos, **Quando Fala o Coração**. A essência da psicoterapia centrada na pessoa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda. 1987.
4. CARVALHO, J. M. de., & Tomaz, M. S. de C.. (2020). **Martin Buber e a fenomenologia: o encontro no discurso filosófico e psicológico**. *Trans/form/ação*, 43(4), 203–224. Disponível em:
5. ERTHAL, Tereza Cristina. **Terapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1989
6. FARIA, Gabriela Moreira de. Constituição do vínculo terapêutico em psicoterapia online: perspectivas gestálticas. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 11, n. 3, p. 66-92, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2024. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº03artigo59>
7. MOREIRA, V. (2010). **Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa**. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 27(4), 537–544. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400011>
8. MESSIAS, J. C. C., & Cury, V. E.. (2006). **Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiência**. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 19(3), 355–361. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300003>
9. ROGERS, Carl R., & ROSENBERG, Rachel L. *A pessoa como centro*. EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
10. ROGERS, Carl R. *Psicologia e Pedagogia: Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
11. STENZEL, Lucia Marques. Habilidades terapêuticas interpessoais: **A retomada de Carl Rogers na prática da psicologia baseada em evidências**. *Psicol. clin.* Rio de Janeiro , v. 33, n. 3, p. 557-576, dez. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652021000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 maio 2024. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n03A09>.
12. CARNEIRO, Cláudia; ABRITTA, Stella. Formas de existir: a busca de sentido para a vida. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 14, n. 2, p. 190-

194, dez. 2008 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2024.

13. MOREIRA, Virgínia; CRUZ, Ana Vlândia Holanda; VASCONCELOS, Luciana Ballespi. O caso Ellen West de Binswanger: fenomenologia clínica de uma existência inautêntica. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 5, n. 2, p. 382-396, set. 2005 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2024.
14. LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M.. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 75-82, jan. 2010.
15. ROMANINI, M.; GUARESCHI, P. A.; ROSO, A.. O conceito de acolhimento em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários e profissionais em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários e profissionais da rede. **Saúde em Debate**, V. 41, N. 133, P. 486-499, ABR. 2017.
16. PELISOLI, C. et al.. Acolhimento em saúde: uma revisão sistemática em periódicos brasileiros. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 31, n. 2, p. 225-235, abr. 2014.